



SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da. O imaginário no folheto capixaba: O vampiro lobisomem de Jacaraípe, de Clério Borges. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 158-167. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.158167>

## O IMAGINÁRIO NO FOLHETO CAPIXABA: O VAMPIRO LOBISOMEM DE JACARAÍPE, DE CLÉRIO BORGES

### THE IMAGERY IN THE ESPÍRITO SANTO LEAFLET: *O VAMPIRO LOBISOMEM DE JACARAÍPE*, BY CLÉRIO BORGES

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Buscou-se, no artigo em tela, analisar o cordel capixaba *O vampiro lobisomem de Jacaraípe* (2005), de Clério Borges, poeta e trovador do Espírito Santo, a partir da ótica dos estudos que envolvem a Teoria do Imaginário, de Durand (2012), a qual foi, inicialmente, destrinchada por Pitta (2017) no Brasil. O folheto em questão trata de uma lenda, datada de 1915, de um vampiro-lobisomem que aterrorizava o litoral espírito-santense de Jacaraípe, no município de Serra/ES, na Grande Vitória. Apesar da base desse folheto ser uma lenda, sabe-se que, o imaginário, em uma dada cultura, está distante dos domínios do inexistente e oriundo de vivências tão concretas quanto à vida, pois ela é transfigurativo (e ativo), moldado, geralmente, por tecituras que são históricas (PITTA, 2017). Percebe-se que o imaginário, no cordel de Borges, se desencadeia com elementos nictomórficos e com a presença de uma heroína. Ademais, almeja-se na análise exposta evidenciar a literatura de cordel produzida no Espírito Santo.

**Palavras-chave:** Teoria do Imaginário; Vampiro lobisomem de Jacaraípe; Cordel capixaba; Literatura produzida no Espírito Santo.

**Abstract:** The aim of this article is to analyse the capixaba cordel *The vampire-lobisomem of Jacaraípe* (2005), by Clério Borges, poet and troubadour from Espírito Santo, from the perspective of studies involving the Theory of the Imaginary, of Durand (2012), which was initially dismantled by Pitta (2017) in Brazil. The leaflet in question deals with a legend, dating back to 1915 of a vampire-werewolf that terrorized the Espírito Santo coast of Jacaraípe, in the municipality of Serra/ES, in Greater Vitória. Despite the basis of this leaflet being a legend, it is known that the imaginary, in a given

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Mestre em Letras pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes-Campus Vitória), professor de língua portuguesa pela PMVV-ES e Sedu-ES. Integrante do grupo de pesquisa Itinerários Interdisciplinares em Estudos sobre o Imaginário, Linguagens e Culturas (ITESI), da Universidade de Pernambuco (UPE). E-mail: [dyghusoueu@gmail.com](mailto:dyghusoueu@gmail.com).

culture, is far from the domains of the non-existent and comes from experiences as concrete as life, as it is transfigurative (and active), shaped, generally, through fabrics that are historical (PITTA, 2017). It is clear that the imaginary, in Borges' cordel, is triggered by nictomorphic elements and the presence of a heroine. Furthermore, the aim of the analysis presented is to highlight the cordel literature produced in Espírito Santo.

**Keywords:** Imaginary Theory; werewolf vampire of Jacaraípe; Cordel capixaba; Literature produced in Espírito Santo.

### Primeiras considerações

As reflexões/ análises aqui presentes visam observar o cordel capixaba *O vampiro lobisomem de Jacaraípe* (1989; 2005; 2022) como um material discursivo-enunciativo em que o imaginário é motivado pela língua e pelas funções sociais (DURAND, 2012) de uma materialidade regional: o balneário de Jacaraípe, no município de Serra, no estado do Espírito Santo. O referido folheto foi produzido pelo historiador, poeta e trovador espírito-santense Clério Borges, o qual foi fundador e primeiro Presidente do CTC – Clube dos Trovadores Capixabas, entidade cultural fundada em 1º de julho de 1980<sup>2</sup>. O folheto em questão trata de uma lenda, datada de 1915, de um vampiro lobisomem que aterrorizava esse litoral espírito-santense.

Clério Borges de Sant' Anna, autor ainda vivo de nosso estado, consoante à apresentação da segunda edição de seu folheto, nasceu em 15 de setembro de 1950, no município de Vila Velha, na região metropolitana do Espírito Santo, publicou contos infantis no jornal *A gazetinha* e foi jornalista nos jornais *A tribuna* e *Intervalo*. Além de poeta e trovador, lecionou em diferentes colégios da Grande Vitória, atuante na cultura municipal da cidade em que reside, Serra, considera-se cidadão serrano e escreveu o livro *História da Serra* (2003) e ainda é acadêmico, titular e correspondente, em diversas academias de letras e entidades culturais capixabas, brasileiras e até no exterior.

O balneário de Jacaraípe é localizado em Serra, fica a 27 km da capital Vitória e é repleto de lendas – lendas são narrativas curtas, fantasiosas que são transmitidas oralmente pelas gerações e visam explicar fatos misteriosos, sobrenaturais em diálogo com recortes da realidade. Em Serra, além da lenda do vampiro lobisomem, existem outras como a do boi graúna, a da Maria quebra-galho, do Índio tapuio e a da pata maldita – as quais vêm contribuindo em outras produções para o projeto literário que tem sido produzido no Espírito Santo. Não usaremos a expressão folclore em nosso artigo, devido ser uma terminologia problemática<sup>3</sup>, para se referir ao folheto aqui em análise. Em nossa concepção, a literatura de cordel é um tipo de literatura de caráter popular.

O gênero do discurso literário cordel, no Brasil, é comumente lido e compartilhado no Nordeste, haja vista que ele chegou em nosso país, primeiramente, em Salvador. Todavia, desde a primeira Era Vargas, devido à urbanização de São Paulo, esses enunciados da literatura popular foram disseminados por todas as regiões do país (SILVA, 2023), ademais é um patrimônio imaterial cultural nacional, desde 2018, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN. Por isso, neste artigo, nos dispusemos a analisar as

---

<sup>2</sup> Informações disponíveis no site do autor, vide referências.

<sup>3</sup> Algumas narrativas folclóricas reforçam estereótipos negativos de sujeitos subalternizados, por isso acreditamos que literatura de cunho popular dialoga melhor com as narrativas em verso oriundas dos folhetos de cordel.

condições de produção e circulação de um dos cordéis produzidos no Espírito Santo, *O vampiro lobisomem de Jacaraípe*: na edição aqui em tela, é do extinto Clube dos Trovadores Capixabas (CTC), do ano de 2005, e tem 8 páginas, acreditamos que esse seja o único folheto produzido por Clério Borges, apesar de ter tido outras edições – uma de 1983 e outra de 2021.

Relevante é nosso aporte teórico sobre os estudos acerca do Imaginário, que veem a cultura como um trajeto antropológico (PITTA, 2017), assim vemos que um folheto de cordel é um enunciado/ resultado cultural que traz marcas sociais, que vem situado histórico e ideologicamente. O cordel de Clério Borges traz símbolos oriundos do dizer, do “boca a boca”, do imaginário popular capixaba, por isso, para entendê-lo, holisticamente, trazemos as vozes de Pitta (2017), que se ancora em Durand (2012) que analisou o popular e o imaginário em narrativas de diferentes sociedades.

### ***O vampiro lobisomem de Jacaraípe e o cordel capixaba***

No Espírito Santo temos vários autores que se debruçaram sobre o gênero do discurso literário cordel, dentre eles Adilson Vilaça, Teodorico Boa Morte, Kátia Bóbbio, Aélcio de Bruim, Roberto Vasco, Paulino Leite, dentre outros; sendo um tipo de enunciado literário que pode estar presente em diferentes suportes: folhetos, livros, as redes sociais (assim como a literatura de cordel nordestina contemporânea). Acreditamos que o cordel chegou no estado do Espírito Santo após os primórdios da urbanização de São Paulo, na primeira Era Vargas, quando os nordestinos iam para esse estado buscando qualidade de vida. E do perímetro paulista, o cordel migrou para outros estados da região Sudeste e para outras regiões do Brasil. Acerca do cordel capixaba vemos que: “[...] não seguem à risca as métricas nordestinas tradicionais [...] ademais, as práticas de recitação de poesias em cordel no Espírito Santo são escassas” (SILVA, 2023, p. 192). Além disso, como nas regiões Norte e Nordeste do país, o cordel capixaba pode trazer diversos núcleos temáticos, tais como: sujeitos que fizeram história em nosso estado, política, questões cotidianas, problemas ambientais, histórias, adaptações e lendas.

Tratando-se do corpus deste artigo, *O vampiro lobisomem de Jacaraípe* é um folheto do canela-verde<sup>4</sup> Clério Borges, que atualmente mora no município de Serra, e traz em versos uma lenda presente no imaginário popular dos sujeitos que moram ou transitam pelo balneário de Jacaraípe, em Serra, cidade onde o autor reside. Borges traz uma voz poética, quase que autobiográfica, pois coloca em versos aquilo que ouvia, quando criança, de sua mãe. Vejamos:

Minha mãe contou-me tudo  
Como o caso foi passado.  
Porque muitas peripécias  
Do lobisomem malvado  
Ela bem testemunhou  
Para o caso ser narrado (BORGES, 2005, p. 03).

---

<sup>4</sup> Canela-verde é o sujeito natural do município de Vila Velha, na região da Grande Vitória/ES.

Vemos que esse caso, de 1915, foi ouvido e narrado por sua mãe, que o contou a história do vampiro lobisomem, o qual era chamado de Vieira. O eu lírico ainda traz comparações do antes e depois dos processos de reurbanização do referido balneário: “Jacaraípe de hoje/ Não tinha a mesma beleza/ Como se vê, atualmente” (BORGES, 2005, p. 01). Ressaltamos, novamente, que esse, até o fechamento deste artigo, foi o único cordel escrito por Borges encontrado por nós, ele que é trovador, fundador e presidente da Academia de Letras e Artes de Poetas Trovadores, antigo Clube de Trovadores Capixabas. Todavia, como já foi posto anteriormente, esse folheto de Clério Borges teve três edições: 1983, 2005 e 2021.



Figura 1- Edições de *O vampiro-lobisomem de Jacaraípe*.<sup>5</sup>

Podemos notar que as capas das edições acompanharam o passar do tempo e a ascensão da tecnologia: a primeira sendo mimeografada; a segunda, apesar de colorida em azul, branco e vermelho, traz uma impressão simples; e a última já traz uma impressão digital. É sabido que ao ler um folheto, a relação existente entre texto e imagem de capa deve ser levada em consideração, haja vista que as capas de um folheto nos servem como um prolepse (SANTOS, 2021). A imagem da capa suscita no leitor, enquanto artifício de recepção, que a narrativa em versos que será lida é envolvida pelos meandros do terror/ horror. Na edição que trazemos ao nosso trabalho, Rodolfo Coelho Cavalcante, Eno Teodoro Wanke e Rosimery Rodrigues Lima tecem elogios ao estilo composicional de Borges ao que tange seu trabalho de metrificacão e a sua responsabilidade com a cultura popular do Espírito Santo.

Segundo a voz poética do folheto, o vampiro lobisomem rondava Jacaraípe antes de sua urbanizaçã, quando no balneário “Vivia-se entre os matos/ E o povo só andava a pé” (BORGES, 2005, p. 02), e o monstro capixaba assustava os transeuntes por trás do cemitério e era o comentário na “boca do povo”, porque ele

<sup>5</sup> Arquivo do próprio autor (2022).

bebia sangue das pessoas. E ainda de acordo com o eu lírico, não era uma história que circulava só em Serra, mas “A história se espalhava/ Até a Grande Vitória”. Alguns lugares do supracitado município são expostos no cordel, como Esplanada e Nova Almeida, além de algumas variações linguísticas capixabas em voga naquele período: visagem, que significa assombração; paragem, o mesmo que parada; clavinote, que é uma arma de fogo, tal como uma espingarda; e cabra para se referir aos sujeitos de sexo masculino. Ainda de acordo com a voz poética, esse monstro era tão temido que em Jacaraípe “Sua gente tão sofrida/ Dormia pelas malocas/ Com a alma constrangida” (BORGES, 2005, p.05).

De acordo com a lenda tecida em cordel, foi Dona Chiquinha do Brejo que chegou a Jacaraípe disposta a derrotar o vampiro lobisomem:

Dizia ela que tinha  
O poder da oração  
Do Senhor São Cipriano  
A quem tinha devoção  
Que o rabo do vampiro  
Ela traria na mão (BORGES, 2005, p. 05).

Além de Dona Chiquinha do Brejo e do vampiro lobisomem, o Vieira, outras personagens estão presentes no cordel de Clério Borges, como João Pitomba, Zé da Plantação e Zé da do Brega, este último que vendeu fumo grosso para que Dona Chiquinha colocasse em sua espingarda e derrotasse Vieira. Segundo a história contada no folheto, ela derrota o vampiro lobisomem não só com o fumo, mas rapé, coragem e fé. A velha senhora, mesmo amedrontada, derramou o torrado nas narinas do monstro que quando espirrou, o bicho sumiu e apareceu em seu lugar caixão de ouro, por isso, Chiquinha do Brejo some de Jacaraípe levando o ouro e no lugar onde o vampiro lobisomem vivia, pairou “Uma catinga de enxofre/ De alcatrão e de breu” (BORGES, 2005, p. 08).

Ao lermos o cordel de Clério Borges, notamos uma narrativa em que a arquitetura respeita o estilo de sextilhas, ademais, temos um texto de cunho popular envolvido por comparações, metáforas e um misticismo religioso (de fé católica, ainda vigente no município de Serra, haja vista a fincada do mastro de São Benedito, a qual ocorre, tradicionalmente e há anos no mês de dezembro); percebemos assim, que a imagem do vampiro lobisomem está vinculada à retórica discursiva que não se aparta do contexto regional, religioso, político e cultural da região de Jacaraípe do período de 1900; ou seja, um arquétipo do imaginário regional e uma representação (quase) monumental das práticas socioculturais daquele contexto, em que Jacaraípe ainda era cercada de matas.

Ao pensarmos na literatura produzida no Espírito Santo, a partir de nosso substrato de análise, percebemos que é o imaginário uma fonte extremamente relevante de sentido, representação e discurso ao explorar arquétipos e símbolos de uma dada realidade (DURAND, 2012), os quais reverberam no tempo, aproximando leitores e leitoras a essas narrativas, provocando uma recepção crítica de questionamento/ envolvimento a um determinado contexto cultural antes não acessados por esses sujeitos.

## O imaginário no cordel de Clério Borges

Durand (2012) propõe em sua teoria que o imaginário humano segue uma estrutura antropológica universal, refletindo certas constantes simbólicas que são compartilhadas através das culturas. Ele buscou identificar padrões e arquétipos subjacentes que se manifestam em mitos, lendas, rituais e símbolos. Dessa forma, vemos que o imaginário no folheto de Borges demarca um enunciado que vem demarcado regional e historicamente, quando o autor propõe cristalizar uma lenda popular compartilhada oralmente, envolta de uma mística religiosa e oriunda dos movimentos socioculturais daquele contexto de Jacaraípe. E assim ocorre em todos os folhetos de cordel, independentemente, de seu contexto de produção e da recepção de seus leitores:

Trata-se de uma fonte inesgotável, sendo reeditada, reiventada e que insiste em perdurar. São temas míticos, lendários, sobrenatural, aventuras, revoluções, heróis, festas populares ou religiosas, credices populares, entre outros, que escapam tão somente às especulações racionais. Entretanto, não podem ser mensurados apenas pelo valor irreal. Do contrário, cria uma atmosfera real, representativa, repleta de múltiplas e emblemáticas representações que englobam o imaginário no cordel (KARLO-GOMES, 2021, p. 209).

Assim, vemos que os aspectos figurativos presentes em *O vampiro lobisomem de Jacaraípe* situam-se, a partir de uma arquitetura regional e popular, no gênero fantástico, em que vida e morte, a partir de um maniqueísmo de antítese, potencializa uma configuração heróica do imaginário, em que temos uma heroína mulher, Dona Chiquinha do Brejo, que poderia aqui ser entendida, inclusive, como uma falsa heroína, a qual se debruça na fé e ao estar diante de um caixão de ouro dali desaparece. Dessa forma, podemos notar que o imaginário, em uma dada cultura, está distante dos domínios do inexistente e oriundo de vivências tão concretas quanto à vida, pois ela é transfigurativo (e ativo), moldado, geralmente, por tecituras que são históricas (PITTA, 2017).

Vemos que as imagens expostas no folheto de Clério Borges trazem as representações imaginárias do contexto do balneário capixaba de Jacaraípe, a partir das contações de histórias da mãe do autor/ eu lírico, as quais têm como orientação fundamental as sensibilidades, os sentimentos e as emoções de uma cultura regional, conjuntando experiências individuais e coletivas (PITTA, 2017) do povo espírito-santense da região do município de Serra. A personagem principal, o vampiro lobisomem de Jacaraípe, se constitui ainda em meio a uma atmosfera de trevas como, inclusive, uma face do tempo, a noite – sendo ela um símbolo nictomórfico:

No folclore, a hora do fim do dia, ou a meia-noite sinistra, deixa numerosas marcas terríficas: é a hora em que os animais maléficos e os monstros infernais se apoderam dos corpos e das almas. Esta imaginação das trevas nefastas parece ser um dado fundamental, opondo-se à imaginação da luz e do dia. As trevas noturnas constituem o primeiro símbolo do tempo, e entre quase todos os primitivos como entre os indo-europeus ousernitas "conta-se o tempo por noites e não por dias" (DURAND, 2012, p. 91-92).

Nesse sentido, de que é nas horas da noite que os monstros se manifestam, percebemos essa característica em outros cordéis brasileiros, tais como *A terrível história da perna cabeluda: prenúncios da*

*besta-fera* (1989), do poeta cordelista Guaiapuan Vieira, e *O Casamento do cabeça-de-cuida* (2003), do cordelista Pedro Costa. É na noite que o vampiro lobisomem Vieira que “pisava igualmente um gato/ macio na noite escura” (BORGES, 2005, p. 04) estava pronto para aterrorizar e aprontar as suas peripécias. Percebemos ainda que, o contexto sociológico é que vai moldando os arquétipos e símbolos capixabas, mesmo que de forma sútil, no folheto de Borges, haja vista que o eu lírico do autor faz comparações do balneário de Jacaraípe desde quando o ambiente ainda “Jacaraípe de ontem/Não tinha a mesma beleza/ Como se vê atualmente” (BORGES, 2005, p. 02).

Apesar de pontuarmos, pelos postulados de Durand (2012) e Pitta (2017), que o meio de produção do texto, em nosso substrato o cordel de Clério Borges, tece os símbolos e arquétipos presentes na produção literária, temos que ter a consciência de que a Teoria do Imaginário está para além de um aporte teórico de caráter determinista e que muito menos é uma condição apenas da literatura, enquanto ciência, mas de outras perspectivas científicas também, como a geografia, a economia, as mídias (PITTA, 2017). Os cordéis são emprenhados por um contexto histórico-social (e ideológico) e esses, como o de Borges que tratam das lendas, do universo mítico são fontes inesgotáveis, em que o imaginário é ressignificado a cada leitura – da mesma forma que o causo contado pela mãe do autor/ voz poética é ressignificado, quando concretizado em um folheto de cordel:

Convém, nesse sentido, ressaltar, o imaginário não simplesmente como ficção, como irrealidade. O imaginário é real: uma fonte que alimenta nossa atividade significativa ao mesmo tempo em que dela se apropria. O imaginário ultrapassa as subjetividades e compõe um universo coletivo. Nesse sentido, é o que Michel Maffesoli constitui como estado de espírito de um grupo, de um país, de uma Estado-nação, de uma comunidade (MAFFESOLI, 2001, p. 76). O imaginário individual corresponde ao imaginário coletivo quando apresenta tanto o onírico, o mítico, a fantasia, o viés afetivo, o irreal; mas também o raciocínio e o aceitável (KARLO-GOMES, 2021, p. 209).

Por esse viés, no folheto *O vampiro lobisomem de Jacaraípe*, notamos valores axiológicos que transcendem a contação apenas e que colocam em tela não só as questões oníricas, mas aquilo que permeia o “boca-a-boca” dos sujeitos do município de Serra/ES. É um folheto que vem a contribuir para o perdurar de uma contação popular da comunidade capixaba, a qual colocada em um suporte, o folheto, contribui, assim, para a constituição de uma memória de caráter popular espírito-santense e também onírica desse povo, por trazer uma consciência regional.

Para além do arquétipo monstruoso do vampiro lobisomem, temos também que discurrir análises sobre a heroína desse folheto: Dona Chiquinha do Brejo, que saiu da Tábua Lascada para derrotar uma potência noturna em Jacaraípe. Desde as tradições germânicas até as indo-europeias, os heróis que matam monstros são inumeráveis (DURAND, 2012), aqui também há uma representação coletiva dessa heroína, que, possivelmente, vem aspirando os desejos, anseios e necessidades dos capixabas de Serra nos anos 1900. Em diferentes culturas, pela leitura de Durand (2012), vemos que os heróis compartilham, normalmente, particularidades comuns: a coragem, a determinação e, às vezes, o sacrifício. E em Dona Chiquinha do Brejo

notamos ainda a fé, pois ela tinha “[...] O poder da oração/ Do Senhor São Cipriano/ A quem tinha devoção” (BORGES, 2005, p. 05).

Tratando-se da Teoria do Imaginário de Durand, o herói não é envolvido só por coragem, mas ele pode inspirar e mobilizar outros sujeitos, para o leitor/ leitora de *O vampiro lobisomem de Jacaraípe*, Dona Chiquinha do Brejo pode ser compreendida como um arquétipo de um comportamento, de uma identidade. Depreendemos que o símbolo do herói (no nosso caso, da heroína) está presente em diversos mitos, contos (e cordéis) e trazem em si um modelo universal, dentro de um imaginário coletivo: Durand (2012), analisou heróis presentes em diferentes culturas: gregos, germânicos, de Catalunha, dentre outros. Podemos dizer assim que a figura do herói permeia comunidades tradicionais, antigas e modernas; e que esses padrões de coragem envolvem também a psique humana e constituem um imaginário dos sujeitos sociais, mobilizando assim uma potência coletiva, devido ao seu papel estimulante (PITTA, 2017).

É válido ressaltar que na literatura de cordel o imaginário dedica-se a uma questão fundamental de produção e ressignificação das narrativas populares embasadas nos mitos brasileiros, que podem oferecer modelos de comportamento e identidade nos símbolos dos heróis e dos vilões, sejam nas aventuras/ romances/ ABCs<sup>6</sup> ou em produções que exploram a vida de pessoas que se transformaram em mártires da história por conta de suas condutas. Ademais, notamos que o cordel é um enunciado literário que mantém vivo o imaginário popular, porque reflete o onírico e os anseios de uma dada comunidade, além disso, funciona como um instrumento de memória, pois preserva/ transmite/ tradicionaliza o que foi vivido em um determinado espaço e tempo.

Clério Borges em *O vampiro lobisomem de Jacaraípe* alia alguns aspectos da cultura da cidade de Serra, por meio de uma narrativa popular, com a arquitetura de um folheto de cordel. O que nos faz perceber a potência das literaturas oriundas do saber do povo, não apenas elemento estético solidificado em um livreto, mas um empenhado linguístico e artístico-literário em que esses arquétipos cristalizados se reverberam e se ressignificam por meio da recepção de seus leitores (CHARTIER, 1990). Clério Borges, ao se aventurar pela literatura de cordel de caráter capixaba, proporciona ao seu leitor vozes sociais que enaltecem o Espírito Santo culturalmente, que muitas vezes em nosso estado não alcançam/ alcançaram lugares de saber formal e como não é um gênero do discurso literário comum no Espírito Santo, é uma obra que tira a literatura de cordel capixaba desse lugar de marginalidade periférica (SILVA, 2023). Por essas questões, vemos a literatura de cordel, independentemente de seu contexto de produção, como um evento dialógico-enunciativo e historicizável.

O universo do cordel brasileiro, e isso inclui também as produções oriundas do Espírito Santo, traz personagens históricos, mitológicos, do dia a dia, simbólicos os quais são envolvidos por memórias coletivas e individuais que constituem arquétipos, que, para Durand (2012) são padrões/ modelos básicos os quais

---

<sup>6</sup> Um cordel do tipo ABC se constitui em 24 estrofes, em que cada uma delas começa com as 23 letras do alfabeto antigo (vogais e consoantes, de A a Z) e a 24ª estrofe conclui essa produção.

constituem o inconsciente coletivo de uma comunidade e podem permear mitos, religiões, contos de fada, cordéis – enfim, as manifestações provindas de uma determinada cultura. Tratando-se do cordel de Borges, provavelmente, o vampiro lobisomen Vieira não só influenciou a psique do capixaba do município da Serra, como influencia/ influenciava a forma que os sujeitos dessa cidade e de suas adjacências observavam o seu mundo. Dessa forma, os arquétipos vêm se manifestando por meio de fantasias e se revelam a partir de imagens simbólicas (JUNG apud KARLO-GOMES, 2021).

### **Apontamentos para discussão**

Ao término de nossa exposição, destacamos alguns aspectos acerca da Teoria do Imaginário no cordel produzido por Clério Borges: é um enunciado literário envolvido por um contexto de produção sociocultural e onírica que evoca arquétipos e símbolos da mítica capixaba, especificamente, do balneário de Jacaraípe, em Serra, no Espírito Santo. E mesmo a literatura de cordel tendo uma potência imensurável no Norte e Nordeste do Brasil, ao nos debruçamos no cordel de Borges, vemos uma narrativa em versos produzida em sextilhas e com elementos estéticos (comparações, metáforas, antíteses, misticismo religioso), o que ratifica que há literatura de cordel em todas as regiões do país.

*O vampiro lobisomen de Jacaraípe* é um cordel que se atualizou no tempo, no que tange a arte da capa, tendo sua primeira edição em 1989 e a última, em 2021 – se adequando à recepção de seus possíveis leitores após os anos 2000. Clério Borges, inclusive, não só com esse folheto, mas também com sua produção de trovas, demonstra ter afeto e responsabilidade pela cultura popular do Espírito Santo. É uma lírica que refrata modelos simbólicos de uma lenda capixaba: constantes que têm se perdurado no tempo e em nossa cultura, nessa transposição de uma lenda de experiência oral para um texto escrito.

Percebemos, em nosso estudo, que o imaginário no cordel de Borges se dá em uma constante nictomórfica, ou seja, que se refere aos seres da noite e, em nosso substrato, o vampiro lobisomen Vieira, que na noite rondava em toda a Jacaraípe. Também, não podemos deixar de citar a relevante presença da heroína da história, Dona Chiquinha do Brejo, ela que por conta de sua coragem e fé, derramou torrado nas narinas do monstro e “O bicho se escafedeu (BORGES, 2005, p. 08)” – vemos que os heróis e heroínas perpassam o imaginário de diversas sociedades e culturas, das canônicas às populares. O folheto posto em tela tem uma função muito importante na imaginação simbólica espírito-santense – que PITTA (2017), ancorada em seus estudos em Durand, categoriza como reequilíbrio social: “trata-se do equilíbrio sócio-histórico de uma sociedade” (PITTA, 2017, p. 38).

Diferentemente de uma seção de considerações finais, nos propomos aqui à inconclusão e a abertura de significados outros acerca do cordel capixaba *O vampiro lobisomen de Jacaraípe*, enfim, apontamentos para discussões, possibilidades de diálogo e/ ou refutação. Como expomos, anteriormente, o cordel produzido no Espírito Santo, ainda não possui um espaço consistente em diferentes espaços de saber, como

em escolas da educação básica ou na crítica literária no contexto acadêmico. Analisar o cordel de Borges é uma ampliação de outros estudos envolvendo o cordel capixaba e suas implicações no nosso imaginário, em nossa cultura. Estudar o cordel capixaba, privilegia o Espírito Santo nesse vasto contexto de pesquisa da literatura popular e, conseqüentemente, da literatura de cordel.

## Referências

BORGES, Clério José. **O vampiro lobisomem de Jacaraípe** [Folheto de cordel]. 2. ed. Serra: Clube dos Trovadores Capixabas, [2005]. 8p.

BORGES, Clério José. **Acadêmico Clério José Borges ajudando a fundar academia de Letras e Artes**. Disponível em: < <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/7309548> >. Acesso em: 26 dez. 2023.

CHARTIER, Roger. *Textos e edições: a literatura de cordel*. In: CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Trad. Helder Godinho. 4ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

KARLO-GOMES, Geam. *O imaginário no cordel “Antônio Conselheiro: o profeta do Sertão”*. In: ARAÚJO, Peterson Martins; BRANDÃO, Maria Aparecida Ventura; SANTOS, Simão Pedro dos.; SILVA, Josivaldo Custódio da (Orgs.). **Tessituras do cordel brasileiro: múltiplos olhares**. João Pessoa: Ideia, 2021 – p. 207-220.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à Teoria do Imaginário de Gilbert Durand**. 2ª Ed. Curitiba: CRV, 2017.

SANTOS, Gilvan de Melo. *O imaginário do cangaço em Cordel*. In: ARAÚJO, Peterson Martins; BRANDÃO, Maria Aparecida Ventura; SANTOS, Simão Pedro dos.; SILVA, Josivaldo Custódio da (Orgs.). **Tessituras do cordel brasileiro: múltiplos olhares**. João Pessoa: Ideia, 2021 – p. 221-236.

SILVA, R. S. D. Cordel com tempero capixaba. **Jangada: Crítica | Literatura | Artes**, ano 10, nº 20, 2023. p. 173 –193. Disponível em: < <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/463> >. Acesso em: 26 dez. 2023.